

“Objetividade” do conhecimento nas ciências sociais

“Objetividade”

+> rejeição à posição positivista no que se refere à neutralidade valorativa: *rígida separação* entre fatos e valores;
=> *demarcação* entre as *premissas subjetivas* e o *rigor* no uso do método para produzir resultados empíricos.

- primeiro passo: evitar confusões entre *juízos de fato* e *juízos de valor*.

“[É habitual] a ideia de que a economia política produza juízos de valor a partir de uma ‘concepção de mundo científica’ e deva fazê-lo...

[Deve-se] *rejeitar inteiramente* essa concepção, pois... jamais será tarefa de uma ciência empírica produzir normas e ideais obrigatórios, para deles derivar receitas para a prática.” (p. 14)

- ciência: sua tarefa é reconstruir o mundo como *é*, e não como *deveria ser*.

“Objetividade” do conhecimento nas ciências sociais (II)

“Uma ciência empírica não tem como ensinar a ninguém sobre o que deve, somente sobre o que *pode* e – eventualmente – sobre o que *quer*.” (p. 17)

- crítica científica dos juízos de valor: meios, consequências, esclarecimento dos ideais subjacentes.

“É destino de uma época que provou a árvore do conhecimento ter que saber que não podemos discernir o *sentido* do andamento do mundo nem mesmo da mais completa investigação, mas que nos cabe criá-lo nós próprios, que ‘concepções de mundo’ jamais podem ser produto do avanço de um saber empírico, e que portanto os ideais mais elevados, que mais intensamente nos comovem, agora e sempre só se efetivam no combate com outros ideais tão sagrados para outros quanto os nossos são para nós.” (p. 21)

- a ciência não pode nos oferecer respostas às questões sobre o *significado último* da vida ou sobre o *sentido* de nossas existências;

- concepções de mundo não são cientificamente demonstráveis => não há critérios universais ou objetivos para a hierarquização dos valores;

- os “valores” são criações humanas (lutas).

“Objetividade” do conhecimento nas ciências sociais (III)

“A capacidade do *discernimento* entre conhecimento e avaliação e o cumprimento tanto da obrigação científica de ver a verdade dos fatos como da obrigação prática de defender seus próprios ideais é aquilo a que devemos nos acostumar com mais força.” (p. 22)

- duas *orientações* dos argumentos:

1. ordenação da realidade que reivindica *validade* como verdade empírica;
2. tomadas de posição práticas que reivindicam *validade* como normas morais ou éticas.

- “Objetividade” não tem afinidade com “indiferença moral”

=> defesa de princípios éticos/morais não pode ser feita em nome da ciência.

“Objetividade” do conhecimento nas ciências sociais (IV)

- conhecimento científico: incide sobre um fragmento da realidade empírica.

“Ocorre que, tão logo tentamos tomar consciência do modo como se nos apresenta imediatamente a vida, verificamos que se nos manifesta... sob uma quase infinita diversidade de eventos que aparecem e desaparecem sucessiva e simultaneamente.”

“Todo conhecimento reflexivo da realidade infinita realizado pelo espírito humano finito baseia-se no pressuposto tácito de que apenas um fragmento limitado dessa realidade poderá constituir de cada vez o objeto da compreensão científica, e de que ele será ‘essencial’ no sentido de ‘digno de ser conhecido’”. (p. 44)

“Objetividade” do conhecimento nas ciências sociais (V)

- conhecimento científico: seleção em função do interesse do cientista social => critérios: *significação cultural*; *interesse condicionado por ideias de valor*.
- *significado* não é inerente aos objetos;
- ciência: preocupa-se com relações *conceituais* entre *problemas*.

“Não existe nenhuma análise científica puramente ‘objetiva’ da vida cultural, ou... dos ‘fenômenos sociais’, que seja independente de determinadas perspectivas especiais e parciais, graças às quais essas manifestações possam ser... selecionadas, analisadas e organizadas na exposição, como objeto de pesquisa.” (p. 43)

- ênfase sobre o aspecto *qualitativo* ou *especificidade* do objeto => maneira de reconstruir a realidade nas ciências sociais
-
-

“Objetividade” do conhecimento nas ciências sociais (VI)

“Disso resulta que todo conhecimento da realidade cultural é sempre um conhecimento subordinado a *pontos de vista* especificamente *particulares*.” (p. 59)

“O conhecimento científico-cultural tal como o entendemos encontra-se *preso*, portanto, a premissas “subjetivas” pelo fato de apenas se ocupar daqueles elementos da realidade que apresentam alguma relação... com os acontecimentos a que conferimos uma *significação* cultural.” (p. 60)

“quanto ao modo de *utilizá-los* [os métodos da investigação], o investigador encontra-se evidentemente ligado às normas de nosso pensamento.” (p. 63)

Definição das ciências sociais

“A ciência social que *nós* pretendemos praticar é uma ciência da realidade. Procuramos compreender a realidade da vida que nos rodeia, e na qual nos encontramos situados, naquilo que tem de específico; por um lado, as conexões e significação cultural de suas diversas manifestações em sua configuração atual e, por outro, as causas pelas quais se desenvolveu historicamente assim e não de outro modo.” (p. 44)

Termos relevantes:

- ciência da realidade;
 - compreensão;
 - especificidade;
 - significação cultural em sua configuração atual;
 - causa: explicação do desfecho histórico / encadeamento de cursos de ação.
-
-

Controvérsia metodológica

- questões acerca da natureza da relação entre ciências sociais e ciências da natureza: ciências sociais deviam pautar-se pelos métodos das ciências naturais *ou* deviam desenvolver seus próprios métodos de investigação?
 - originalidade da posição weberiana:
 - i) rejeição *parcial* da visão positivista => explicação da realidade com base na descoberta de leis gerais e abstratas, mas aceitava o argumento de que a *explicação* tinha lugar nas ciências sociais.
 - ii) rejeição *parcial* da visão historicista acerca da *dualidade do método*, mas aceitava o argumento que defendia a *especificidade do método compreensivo nas ciências sociais*.
 - => integração dos métodos *compreensivo* e *explicativo*: reconstruir os *nexos causais e conexões de sentido*.
-
-

Integrando compreensão e explicação

Diferenças entre os métodos weberiano e durkheimiano:

- i) peculiaridade do objeto das ciências sociais: agentes são movidos por interesses, crenças, objetivos => método *compreensivo*:
formulação de hipóteses acerca dos fins viados pelos agentes (intencionalidade da ação);
 - regularidade causal (trabalho preliminar) => deve vir acompanhada de imputação de sentido (exemplo: EPEC).
 - ii) explicação: conexões causais *concretas*, entre “constelações particulares de fenômenos” (exemplo: afinidades entre a *conduta moral* do protestante e um *modo metódico de vida* na esfera econômica).
-
-

Questões do seminário

1. O que Weber quer dizer com “sentido subjetivamente visado”?
 2. Como podemos conferir *evidência* à compreensão?
 3. Qual é a importância do tipo de ação racional referente a fins para o método compreensivo?
 4. O que significa *explicação* numa ciência preocupada com *o sentido subjetivo da ação*?
 5. O que podemos entender por uma interpretação “adequada quanto ao sentido” e “adequada quanto à causa”?
 6. O que Weber quer dizer quando afirma que o agente é o limite inferior e superior da compreensão?
 7. Qual é a importância do conhecimento nomológico e do uso de tipos para a compreensão?
-
-